

DESAFIOS NO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM NA ALFABETIZAÇÃO DE UMA CRIANÇA COM TEA

Beatriz de Melo Miranda¹
Maria Eduarda da Silva Lima²
Maria Eduarda Gomes da Silva³
Jean Brito da Silva⁴

Orientadora: Deliane Macedo Farias de Sousa⁵

RESUMO

Este artigo tem como principal objetivo mostrar caminhos, alternativas para o processo de alfabetização de crianças com o Transtorno do Espectro Autista (TEA). Visa elucidar as dificuldades do aluno autista durante o período em que está sendo alfabetizado e apresentar métodos que beneficiem esse alunado. Contribuindo nesse processo com atividades didáticas afim de proporcionar uma aprendizagem satisfatória. A metodologia utilizada neste estudo foi pesquisa bibliográfica feita através de método descritivo, com análise das leituras científicas dos materiais utilizados para embasamento bibliográfico. E como resultado constatou-se que há possibilidade do aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA) ser alfabetizado. Apesar de cada indivíduo ter seu próprio ritmo de desenvolvimento da aprendizagem, algumas vezes, sendo um pouco mais lento, isso não o impede de aprender e obter êxito nas suas vivências escolares.

Palavras-chave: Alfabetização; Atividades Didáticas; Metodologia; Transtorno do Espectro Autista.

INTRODUÇÃO

Durante o processo de alfabetização da criança ocorrem diversos fatores que podem afeta-la. Conforme Mrech (2008) devemos levar em conta que cada criança tem o seu processo individual, ou seja, ele vai construir seu caminho a partir do que lhe for apresentado. E quando a inserção de crianças com deficiências educacionais no âmbito escolar ocorre de forma recorrente há uma necessidade de se discutir e trabalhar nessa questão.

Sendo assim, apenas a presença do alunado não é o bastante para garantir que o mesmo aprenda. Cunha (2012) completa que também é necessário que façamos um bom trabalho enquanto profissionais para que possamos atender/receber o nosso educando da maneira mais eficaz possível. Ao introduzir sua vida escolar, várias dificuldades irão surgir a, por isso ele

¹ Graduando do Curso de Letras da Universidade de Pernambuco - UPE, biamelomiranda@hotmail.com;

² Graduando do Curso de Letras da Universidade de Pernambuco - UPE, Eduardalima007@hotmail.com;

³ Graduando do Curso de Letras da Universidade de Pernambuco - UPE, Eduardasilva1508@hotmail.com;

⁴ Graduando do Curso de Letras da Universidade de Pernambuco - UPE, jeanbritods@hotmail.com;

⁵ Professora orientadora: Doutora em Psicologia Social, Professora Adjunta da Universidade de Pernambuco - UPE, delianemfs@gmail.com;

precisa ter o auxílio da família e de toda comunidade escolar para que ele se identifique com a realidade que o rodeia.

De acordo com Frias e Menezes (2008) os problemas não se reduzem a crianças que se inserem no meio escolar sem ter o conhecimento básico, podemos encontrar problemas no docente, no método que está sendo utilizado, no material didático, na linguagem, no meio em que a criança vive, em sua família e também nos casos de saúde aqui entram as questões dos transtornos e deficiências.

Durante algum tempo se faz presente discussões acerca das pesquisas e discussões que explanam a alfabetização de crianças com deficiências e transtornos. Estudos que tem o intuito de contribuir nas dificuldades envolvidas com o Transtorno do Espectro Autista (TEA).

O autismo ou Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é um distúrbio do desenvolvimento caracterizado por dificuldades de comunicação oral, de interação social e de presença de movimentos repetitivos e estereotipados (LEBOYER, 2005). É comum que crianças com TEA em diferentes graus, tenham comprometimentos em todas as competências que antecedem à aprendizagem da leitura e da escrita. E foi diante de tudo isso que este artigo foi pensado com o objetivo de realizar um estudo sobre a alfabetização de crianças autistas e refletir ainda mais sobre esse processo.

METODOLOGIA

Esta pesquisa busca entender e compreender sobre as crianças autistas no âmbito escolar, suas vivências, aprendizagens e como pode se desenvolver. Focamos na alfabetização, momento onde ocorrem as primeiras aprendizagens e desenvolvimentos no quesito da fala, leitura e vivência com os colegas de classe. Com isso, discorreremos sobre o que é o autismo, o papel do professor, metodologias de ensino para crianças autistas, o que seria a alfabetização e suas principais funções para os primeiros desenvolvimentos, com isso, vem o lúdico como ferramenta de ensino, a escola, família e comunidade como os principais contribuintes para aquisição e melhora no desempenho do autista.

Todavia, para um estudo que promova clareza através de dados, como livros, sites e artigos é apresentada de forma conceitual e investigativa por compor uma pesquisa bibliográfica de abordagem exploratória e descritiva sobre a alfabetização no contexto da comunicação dos

autistas e suas aprendizagens. Nesse aspecto, optamos por uma pesquisa objetiva e que proporcione a compreender esse tema de forma mais clara possível.

Dessa maneira, foi possível observar e investigar o processo de aprendizagem de crianças com TEA (Transtorno do Espectro Autista), destacando como alfabetizá-las de forma mais clara, tanto para eles como para o professor para atender suas necessidades no ensino regular.

TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA): DEFINIÇÃO E CARACTERÍSTICAS

Tendo em vista que esse trabalho retratará e mantém o foco em crianças que possuem o transtorno do espectro autista (TEA) é fundamental apresentar sua definição e abordar algumas de suas principais características. “[...] o TEA é definido como um distúrbio do desenvolvimento neurológico que deve estar presente desde a infância, apresentando difícil nas dimensões sociocomunicativa e comportamental” (SCHMIDT, 2013, P.13). Essa condição neurológica geralmente aparece nos três primeiros anos de vida. Além disso, afeta o desenvolvimento normal do cérebro relacionado às habilidades sociais e de comunicação. Como afirmam as autoras Silva, Frighetto e Santos (2013, p.1):

A criança com autismo tem dificuldade em interagir com as outras pessoas, mudanças de rotina e de expressar suas necessidades. Onde não tem medo de perigos, apresentam pouco contato visual, sendo que não respondem a ordens verbais, sendo que ao invés de se expressar verbalmente, usam-se gestos ou sinais. O diagnóstico do autista se dá pela observação do comportamento da criança, pois nos dias atuais não existem testes específicos para sua comprovação. O autismo se compreende por uma síndrome complexa; com as buscas de alcançar resultados melhores no trabalho com autista, deve-se o tratamento ter uma equipe multidisciplinar, tendo em seu quadro profissionais de psiquiatria, fonoaudiologia, psicologia, neurologia, psicopedagogia e demais da área de saúde (SILVA; FRIGHETTO; SANTOS, 2013, p.1).

“O termo autismo foi utilizado pela primeira vez em 1911, por Bleuler, para designar a perda de contato com a realidade e conseqüente dificuldade ou impossibilidade de comunicação” (BRASIL, 2010, p. 08). Entretanto, os estudos sobre o Autismo Infantil foram iniciados por Leo Kanner em 1943. Segundo Mello (2007, p. 15):

O autismo foi descrito pela primeira vez em 1943 pelo Dr. Leo Kanner (médico austríaco, residente em Baltimore, nos EUA) em seu histórico artigo escrito originalmente em inglês: Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo. Nesse artigo, disponível em português no site da AMA, Kanner descreve 11 casos, dos quais o primeiro, Donald T., chegou até ele em 1938.

E após um ano, em 1944, em seu livro “A Psicopatia autista na infância”, o autor Hans Asperger relatou casos de diversas crianças atendidas na Clínica Pediátrica Universitária de Viena.

Este não conhecia o trabalho de Kanner e “descobriu” o autismo de modo independente. As descrições do autismo feitas por Asperger foram publicadas em alemão, no pós-guerra, e não foram traduzidas para outra língua, o que provavelmente contribuiu para prolongar o período de desconhecimento a respeito de seus estudos, até a década de 80. (BRASÍLIA, 2010, p. 09)

Kanner e Asperger foram os principais percussores dos estudos sobre o autismo, autonomamente, e responsáveis pelas primeiras publicações acerca da síndrome. E, de forma ordenada, relataram suas abordagens autísticas. E a partir de muitos estudos que foram sucedidos depois de Kanner e Asperger. O autismo foi caracterizado por apresentar dificuldades nas interações sociais e na comunicação. Os infortúnios nas interações sociais implicam no comportamento não verbal, ou seja, eles têm a especificidade de repetir palavras ou frases que escutou.

Os autistas são crianças que apresentam atrasos na linguagem ou ausência no desenvolvimento da fala, o que às vezes dificulta a manutenção de um diálogo. Os autistas poderão apresentar ecolalia que é a repetição do que alguém acabou de dizer, incluindo palavras, expressões ou diálogos (FONSECA, 2009, p.16)

Além disso, o autismo é conhecido como transtorno autístico, autismo da infância, autismo infantil e autismo infantil precoce, é o transtorno evasivo do desenvolvimento (TDI) o mais conhecido. E segundo Grenzel (2017) geralmente crianças autistas, independente do grau do autismo que a mesma apresente, tenham comprometimentos em todas as competências que surgem bem antes do processo inicial de aprendizagem da leitura e escrita. Algumas crianças começam a associar letras e sons de forma muito precoce, porém, deve ser orientada durante seu processo de alfabetização. Diante do exposto, discorreremos sobre alfabetização de crianças com TEA, tendo continuidade no próximo tópico.

ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS COM TEA (TRANSTORNO ESPECTRO AUTISTA)

Sendo a alfabetização um processo que leva as crianças à comunicação por meio da leitura e escrita, muitos pais acreditam que seus filhos e filhas só começam esse processo em uma determinada fase da vida escolar, porém, vale salientar que a criança desde sempre é inserida na cultura letrada e mesmo não sabendo ler e escrever de forma consistente é papel da professora trilhar o caminho leitor desse aluno/aluna. Como afirma:

“O ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra escrita, mas se antecipa e se alonga na inteligência do mundo” (FREIRE, 1989, p. 48).

O percurso da leitura e da escrita é um caminho longo, árduo e constante, uma vez que, é considerado o ponto chave para o sucesso ou fracasso escolar daquele aluno/aluna. Uma vez que, após o aluno ser alfabetizado, o mundo em sua volta girará em torno da cultura letrada. Não podemos esquecer que alfabetização é diferente de letramento, sendo o letramento em matéria geral: É saber utilizar os princípios alfabéticos ao seu favor de forma que desenvolve a leitura e a escrita de forma competente com as práticas sociais, podendo ser reflexão, interpretação e etc. A alfabetização é o ponto de partida para formação de futuros adultos leitores e letrados, podendo ser esta considerada a fase escolar mais importante no processo educativo de uma criança.

O processo alfabetizador de uma criança com TEA é árduo como seria com qualquer outra criança, porém devemos ter em mente que essas crianças possuem problemas no processo das relações sociais, afetando assim a comunicação, seja ela por meio da comunicação verbal ou não verbal o que vai interferir no seu processo de aprendizagem/alfabetização. A professora deve saber as características oriundas do TEA presente em seu aluno que será alfabetizado, no presente trabalho sugerimos a música como fonte de aprendizagem, uma vez que a professora poderá se apropriar do som para explicar conceitos como: aliterações, consoantes surdas, sonoras, para que assim o aluno não confunda determinados sons, vindo a escrever ou falar de forma equívoca. A música como já mencionado pode ser um grande aliado da professora, uma vez que a alfabetização combina com diversão. Pode-se usar ainda o teatro, gincanas e jogos.

A brincadeira também é uma forma de comunicação muito comum entre as crianças, um espaço de aprendizagem por meio delas torna o ensino mais prazeroso para uma criança autista, uma vez, a mesma irá se socializar expressar-se e aprender de forma "menos pesada", vale salientar que a professora deve mostrar para a criança sua rotina do dia e trabalhar com a mesma uma rotina para leitura, enfatizando sempre o visual, já que as crianças com TEA se

prendem bastante ao visual. Devemos ensinar as letras, os fonemas e grafemas para seguir as frases, orações e partes mais complexas da gramática. Na rotina de leitura é válido criar histórias com coisas que a criança goste, seja cor, objeto ou pessoas.

Explorar o acervo artístico dos alunos e alunas é um ponto positivo, como a pintura, a dança, o desenho, desenvolvendo com elas caminhos para a alfabetização. A professora pode expor um desenho, por exemplo, e solicitar que o aluno escreva a primeira letra do objeto da imagem. Ou pedir que eles/elas escrevam seus nomes e os desenhe, ou desenhe seu colega de classe. Dessa forma, estaremos trabalhando a linguagem sem propriamente separar um tempo ou parte da aula para ensinar as letras por exemplo. É a forma de inserir o jogo nas aulas alfabetizadoras contribuindo para formação leitora dos/das alunas. Como afirma Kishimoto (2001, p. 76) “Os jogos educativos ou didáticos estão orientados para estimular o desenvolvimento cognitivo e são importantes para o desenvolvimento do conhecimento escolar mais elaborado- calcular, ler e escrever”.

Os jogos são aliados no processo de ensino/aprendizagem, além de sair da monotonia do método tradicional, que a professora faz com que os alunos decorem as letras e algum objeto que faça referência dessa letra e assim acabe caindo no “decorar” sem muita funcionabilidade, uma vez que as crianças apenas decoram e não sabem expor palavras diferentes quando se solicita uma letra. A professora deve ter em mente que o processo de escrita é mais demorado que a leitura e o reconhecimento grafo/sonoro das letras. Algumas crianças com TEA apresentam a escrita espelhada e há atividades específicas para esse tipo de dificuldade que aparece na vida escolar das crianças. Ressaltamos que a escrita espelho não é presente apenas em crianças com TEA, mas pode ocorrer em qualquer outra, é uma das dificuldades de aprendizagem mais presentes na escrita. Segundo Dehaene:

Todas as crianças do mundo, passam por um momento de dificuldades em sua alfabetização e os problemas em discriminar letras ou mesmo a escrita espelhada de letras e números são comportamentos bastante normais. (DEHAENE, 2012, p. 105).

Problemas como a disgrafia, disortografia, dispraxia e dislexia também são recorrentes e podem ser descobertos na fase da alfabetização. Contudo são dificuldades que com trabalhos específicos podem ser solucionados, porém nem sempre há a presença desses problemas o que de certa forma facilitará o processo de aquisição da leitura e escrita.

MÉTODOS DE ENSINO PARA ALUNOS COM AUTISMO NA ALFABETIZAÇÃO

Na atualidade, vemos uma defasagem no ensino como a falta de professores adequados e profissionais, nesse viés vem a escola com poucos especialistas na área. Nesse campo os alunos com transtornos autistas sofrem com a sua aprendizagem, pois para uma aprendizagem qualitativa o autismo requer no sistema educacional dois critérios como a diversidade e a personalização.

Os autistas requerem uma atenção maior enquanto ao seu desenvolvimento, por isso, os pais são os principais responsáveis em escolher uma escola que atenda as necessidades específicas do aluno, podendo ser uma escola regular, com uma turma abrangente e que não seja específica para ele. Em segundo plano vem os professores, em que nele há um papel importante para esses alunos, porque o professor é comprometido a criar laços afetivos e tendo também uma influência em seu desenvolvimento, abrindo portas ao mundo fechado do aluno autista.

Diante disso, para desenvolver a comunicação e a linguagem foi criada em 1980 procedimentos para ajudar na fala do autista, logo no início da escolarização. Propõe no contexto da comunicação utilizar códigos alternativos, principalmente (sinais manuais) na linguagem verbal. O primeiro método é o Treatment and Education of Autistic and related Communication Handicapped Children (TEACCH) que pretende desenvolver habilidades comunicativas em situações naturais, nele a criança usa a linguagem verbal com modalidades não orais, oferecendo uma guia de objetivos e atividades com sugestões para avaliar. Para isso, é diferenciada cinco atos de comunicações como a função, contexto, categorias semânticas, estrutura e modalidade. As habilidades comunicativas são ensinadas em situações diferentes e individuais, preparando o ambiente natural para colocar as atividades de grupo e enquanto a família intervenha ativamente em seu ensino e estímulo. O segundo método é o de Schaeffer e colaboradores que se trata de um programa em que a junção de terapeutas, sinais e palavras simultaneamente, é um sistema bimodal. Nesse método se ensina a criança a fazer sinais manuais para conseguir objetos desejados e enfatiza o expressivo fazer por meios de sinais.

A partir dos anos 1970, começa inúmeras pesquisas que podem ajudar na aprendizagem das crianças autistas e as estratégias de ensino adequadas para elas. Para Powers (1992) ele destacou alguns procedimentos principais que devem ter nos métodos educacionais, como ser estruturados e baseados nos conhecimentos desenvolvidos pelas modificações de conduta, ser evolutivos e adaptados às características pessoais dos alunos, ser funcionais e com uma definição explícita de sistemas para a generalização, envolver a família e a comunidade e ser intensivos e precoces.

Nas séries iniciais, o tratamento individualizado são várias horas por dia, de 30 a 40 horas semanais, com os autistas com quadros graves ou níveis intelectuais muito baixos, os processos de aprendizagem sem erro, e não por tentativa e erro, são os mais eficazes. Demonstrou-se que a aprendizagem por tentativas e erros diminui a motivação e aumenta a capacidade. Para isso é necessário seguir algumas normas, como assegurar a motivação, apresentar as tarefas somente quando a criança atende, e de forma clara, apresentar tarefas que adaptam bem ao nível evolutivo da criança, empregar procedimentos da criança e proporcionar reforçadores, contingentes, imediatos e potentes.

Na fase da infância, é quando acontecem as suas primeiras aprendizagens, pois é por meio da experiência que o autista atribui sobre o mundo que vive, aprende sobre si e com o próximo. O brincar é o fator inicial que proporciona ao desenvolvimento mental e físico. Dessa maneira, o lúdico no contexto escolar, principalmente na alfabetização é a ferramenta fundamental para sua aprendizagem, sendo ela a forma mais tranquila e agradável possível. Quando o professor utiliza o lúdico faz com que o autista aprenda brincando.

Utilizar o jogo na educação infantil significa transportar para o campo do ensino – aprendizagem condições para a maximizar a construção do conhecimento introduzindo as propriedades do lúdico, do prazer, da capacidade de iniciação e ação ativa e motivadora. (KISHIMOTO 2008, p.37).

O brincar é fundamental nessa fase da alfabetização, principalmente com os que têm TEA (Transtorno do Espectro Autista). Com se traz a ludicidade para as crianças vão chamar a sua atenção para o que o professor está dizendo, e nisso captando sua atenção ele aprenderá nas diversas áreas.

As atividades didáticas que fazem uso do lúdico ajudam a criança a organizar-se de forma prazerosa, proporcionando-lhe momentos de análise, de lógica, de percepção sensorial, dentre vários outros aspectos. O processo de aprender o mundo se dá pela curiosidade que impulsiona a pessoa para a descoberta e repetidas explorações. A educação pelo lúdico leva a aprendizagem espontânea, a um maior interesse e aumento de autoconfiança (YOGI 2003, p.5)

É de fundamental importância que o ambiente escolar atribua para atender as limitações e especificidades dos alunos autistas, como o espaço físico, a equipe gestora, os professores e toda a comunidade escolar tendo maior cuidado e atenção para o atendimento e a inclusão do aluno autista. Os jogos e brincadeiras não somente facilitam o processo de aprendizagem das crianças como também permite a interação com seus colegas de classe e possibilitando a construção de uma visão de mundo, criando e desenvolvendo o senso crítico.

O lúdico permite um desenvolvimento global e uma visão de mundo mais real. Por meio das descobertas e da criatividade, a criança pode expressar, analisar, criticar e transformar a realidade. Se bem aplicada e compreendida, a educação lúdica poderá contribuir para a

melhoria do ensino, quer na qualificação ou na formação crítica do educando, quer para redefinir valores e para melhorar o relacionamento das pessoas na sociedade. (DALLABONA 2004, p.2)

As crianças com TEA (Transtorno do Espectro Autista) precisam ser sempre estimuladas para desenvolver sua aprendizagem. Dessa forma, algumas das atividades que os professores podem utilizar são pinturas, desenhos, jogos, brinquedos e brincadeiras. Com isso, é possível favorecer que as crianças consigam interagir e se comunicar, porém deve-se respeitar o seu tempo e suas vontades nessas atividades. Pendeza e Souza (2015, p. 164) diz que: “A valorização do indivíduo vem atrelada à valorização da infância, pois a criança com autismo é antes de tudo criança e deve viver a sua fase de desenvolvimento de forma plena, tendo suas características pessoais respeitadas”.

O educador assume um papel de estimular, orientador e observador, portanto suas aulas podem intervir em várias situações favorecendo o desenvolvimento da saúde mental e física da criança, levando a buscar um crescimento intelectual. O que carrega símbolos e levam ao desenvolvimento psicossocial e motor são esses jogos e brincadeiras, porque com esses e os métodos utilizados melhoram em vários fatores do seu desenvolvimento, motivando a comunicação da mesma e favorecem o raciocínio, emoções e estimulando a autoestima.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em relação ao que foi mencionado neste trabalho, observamos que desenvolver e trabalhar com crianças autistas não é uma tarefa muito fácil, pois precisa de profissionais capacitados, em que, sempre procure atender da melhor forma possível aos seus alunos com TEA procurando sempre novos estudos sobre o assunto e novos métodos de ensino/aprendizagem.

Ao que podemos citar sobre o autismo, é que graças aos pesquisadores, estudiosos e psicólogos que puderam descobrir o que tinha com alguns alunos, viram e analisaram o que ocorria com eles e puderam concluir que essas crianças tinha o que chamamos de autismo. Dessa maneira, professores e educadores tem o papel de alfabetizar e viram que não é nada fácil esse papel, já que é o ponta pé dos primeiros desenvolvimentos de qualquer aluno na fase escolar.

A partir disso, apontamos o que seria o autismo, como alfabetizar alunos com TEA e alguns métodos de ensino e o papel do educador, família e a escola para melhor surpreer a aprendizagem do aluno. Com isso, vemos que o lúdico é a ferramenta mais utilizada para

desenvolver o entendimento sobre os assuntos abordados, como também para o conhecimento sobre o mundo.

Concluimos que essa pesquisa bibliográfica tem um papel importante em contribuir para que professores em formação, bem como aqueles que já estão em sala de aula, possam construir seu entendimento sobre como alfabetizar alunos com autismo e conhecer um pouco sobre os métodos utilizados na atualidade, servindo assim para a comunidade científica e sobretudo, para promover a aprendizagem de seus alunos e alunas com TEA.

REFERÊNCIAS

BELISÁRIO FILHO, José Ferreira. **Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: transtornos globais do desenvolvimento**. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2010.

COLL, Cezar; MARCHESI, Alvaro; PALACIOS, Jesus. **Desenvolvimento psicológico e educação**. 2 ed. Porto Alegre: Arned, 2004.

DALLABONA, Sandra Regina. **O lúdico na educação infantil: jogar, brincar, uma forma de educar**. (2004). Disponível em:

https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/38603683/o_ludico_e_a_educacao.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1515661252&Signature=UF5z6CwF%2FnpStPFOWRhMyEo%2FCI%3D&response-contentdisposition=inl20ine%3B%20filename%3DO_LUDICO_NA_EDUCACAO_INFANTIL_Jogar_brin.pdf. Acesso em: 20 Jan. de 2018.

FONSECA, Vera Regina Jardim Ribeiro. **O autismo e a proposta psicanalítica**. In: Revista *Mente e Cérebro*, Col. Memória da Psicanálise: Melanie Klein, n. 4, São Paulo: 2009.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O jogo e a educação infantil**. Perspectwa. Florianópolis, UFSC/CED, NUP, n. 22, p. 105-128

LEBOYER, Marion. **Autismo infantil: fatos e modelos**. 5ª ed. Campinas, SP, Papirus, 2005.

MELLO, Ana Maria Rosa de **Autismo: guia prático**. 7ª Edição. São Paulo: AMA; Brasília: CORDE, 2007.

SILVA, Lucinéia Cristina da; FRIGHETTO, Alexandra Magalhães; SANTOS, Juliano Ciebre dos. **O autismo e o lúdico**. *Revista Nativa – Revista de ciências sociais do norte do Mato Grosso*. V.1. n. 2, 2013. Disponível em: <http://revistanativa.com/index.php/revistanativa/article/view/81/pdf>. Acesso em: 30 jul. 2019

YOGI, Chizuko. **Aprendendo e brincando com música e com jogos**. Volume 2. Belo Horizonte: Fapi, 2003.